

FILIPA BARREIROS
DIPLOMATA

1.

QUAL A TUA RELAÇÃO COM O HINO DA ETIÓPIA, O PAÍS ONDE ESTÁS EM REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL?

Eu devo ouvir o hino da Etiópia pelo menos umas 20 vezes ao ano, ou mais. Sempre que há uma celebração aqui, por exemplo a do dia nacional de Portugal ou de qualquer outro país, toca-se o hino do país anfitrião - portanto, o da Etiópia - e só depois o hino do país que está a ser celebrado. Eu reconheço a música do hino da Etiópia, mas não sei as palavras, até porque são em amárico, que eu não falo e também não consigo sequer ler. Mas sei que a letra é na mesma linha da nossa, que enaltece o país, os seus feitos, a sua história e por que é que nós somos grandes.

Diria que aí pela décima vez já é um bocadinho aborrecido, honestamente, porque, tal como quase todos os outros hinos que ouço, não são normalmente, digamos, composições musicais muito amigáveis para o ouvido. E quando se ouve muitos hinos, como eu ouço, eles parecem todos muito iguais.

Vejamos o caso da Etiópia. O primeiro hino da Etiópia não é o que é usado atualmente. O primeiro hino foi o do Império da Etiópia, dos anos 30. A Etiópia era um país com uma história de muitos séculos que, no século XIX, repeliu uma tentativa de invasão pelos italianos, mas que também teve aqui os britânicos, com algumas pretensões, mas que nunca chegaram a invadir, e, de repente, chegam os anos 30 e são invadidos e ocupados pelos italianos. E o Imperador vai à Liga das Nações pedir para que haja uma intervenção para acabar com a ocupação, mas não tem ninguém do lado dele.

A ocupação dura pouco e termina poucos anos depois, e parece que há um entendimento de que temos que alinhar pela mesma bitola de quem queremos que nos reconheça. Portanto, se os europeus são quem ditou esta bitola, porque são quem ditou todas as regras envolvidas neste jogo da soberania e do estado-nação, então vamos juntar-nos e vamos seguir a mesma bitola, e vamos criar um hino, uma bandeira, e ter uma capital. É a checklist do que um ator político deve ter, de acordo com esta bitola. Eu penso que é isto que faz com que os sons de quase todos os hinos sejam muito semelhantes.

Estas regras dizem que o estado-nação, em teoria, é um território, com um povo e um governo. Funciona bem para Portugal, que é muito uniforme. Mas em Espanha, que é ao lado, já não funciona muito bem, por exemplo.

VOLTANDO À ETIÓPIA: O HINO ESTÁ EM AMÁRICO,
MAS NA ETIÓPIA FALAM-SE OUTRAS LÍNGUAS.

A Etiópia é uma federação de base étnica. Ou seja, cada região do país corresponde a um território de uma etnia com uma língua específica, com a sua própria administração.

Por exemplo, há uns anos houve um cidadão português que faleceu fora de Addis Ababa, numa região que é Oromia. A certidão de óbito estava em oromo e isso foi um problema porque nenhum dos nossos funcionários da embaixada fala oromo, porque são de Addis Ababa, de etnia amara ou outras, e só falam amárico.

Apesar de, curiosamente, Addis também ser também a capital da Oromia. Porque Addis tem um duplo estatuto: é a capital federal e tem o seu próprio governo, mas simultaneamente é também a capital da região de Oromia. E a administração desse estado não produz documentos em amárico, apenas na sua língua. Mas os oromo são o maior grupo étnico, e portanto a língua oromo é a que tem mais falantes nativos na Etiópia. E é escrita com o nosso alfabeto, com o alfabeto latino [amárico utiliza o sistema de escrita Ge'ez].

MAS O AMÁRICO É A LÍNGUA MAIS FALADA?

Apesar de não ser a língua com mais falantes nativos, é a língua franca e a mais falada na Etiópia. Amárico era a língua do imperador e da família imperial. É a língua de ensino [até 1994 todo o ensino era em amárico; atualmente algumas regiões usam as línguas locais no ensino primário] e isto quer dizer que uma criança oromo, que cresce a falar oromo em casa, vai aprender oromo nos primeiros anos de escola e a certa altura vai ter que aprender um alfabeto novo para continuar o ensino. É, portanto, a língua da hegemonia cultural e a cultura dos amara é a cultura mais frequentemente apresentada como sendo a cultura etíope.

Aqui eu não conduzo, tenho um motorista, e há uns dias houve um incidente entre o meu motorista e um guarda de um parque de estacionamento. A conversa virou mais agressiva e o guarda começou a barafustar com o motorista em oromo, que ele não fala, porque ele só fala amárico. E o guarda sabia muito bem que o motorista não lhe ia responder, porque não vai entender o que ele está a dizer, mas continuou a falar em oromo. E fica-se sem saber se é repetição do mesmo que ele já tinha dito em amárico, ou se está a insultar ou se está a dizer outra coisa e é muito desconfortável.

são dinâmicas complexas. Os oromo, embora sejam o maior grupo étnico, foram sempre secundarizados, foram sempre quem não tinha poder. E há algumas palavras muito pejorativas que são usadas para designar a população oromo: uma delas, por exemplo, é escravo, o que só enfatiza a conotação de subalternos. Mas eu não falo nenhuma das duas línguas, não consigo perceber os debates em profundidade, e portanto não tenho informação suficiente para ter uma opinião sobre a questão da língua do hino. Eu creio que a escolha de amárico como língua única para o hino reflete essas tensões entre grupos étnicos. E posso dizer que em Addis a bandeira dos Oromo é cada vez mais visível, pintada pela cidade.

4.

ADDIS TEM TAMBÉM O ESTATUTO DE CAPITAL DA UNIÃO AFRICANA.

A União Africana foi criada em 1963, e a capital, a sede, é em Addis Ababa. Inicialmente chamada Organização da Unidade Africana, mudou de nome em 2002, num processo de afirmação e de organização que passa um bocadinho pela mesma lógica que nós [UE] fomos seguindo, em que fomos tendo diferentes versões tendencialmente de maior integração, se bem que no caso da União Africana, esse seja um assunto para muita discussão. É uma organização igual à União Europeia na génese e nas ideias, mas não é uma organização igual em nada no nível, por exemplo, de poder que os Estados que são membros dão à organização.

Foi por causa da União Africana que Portugal e a Etiópia estiveram sem relações diplomáticas durante vários anos. Quando a organização foi criada, em 1963, nós ainda tínhamos colónias e tínhamos uma embaixada em Addis Ababa. E o imperador Haile Selassie escreveu uma carta a Oliveira Salazar - que está na Torre do Tombo - , em que faz um apelo para a libertação das colónias-por nome só menciona Angola e Moçambique, não menciona as outras, mas o apelo estende-se a todas.

Como é fácil imaginar, a resposta de Salazar foi 'não', e, portanto, a Etiópia cortou as relações diplomáticas com Portugal porque o imperador não podia ter, na cidade que ia acolher esta organização, um país que tinha ainda colónias, porque os britânicos e os franceses já não tinham. E, então, nós saímos nessa altura e já só voltámos a reabrir a embaixada em 2002. O imperador caiu na mesma altura que o nosso 25 de Abril instaurando-se o Derg [que significa "comité" ou "conselho", foi a ditadura militar comunista que governou a Etiópia entre 1974 e 1987, após a deposição de Haile Selassie I] até à tomada do poder pelo EPRDF nos anos 90 [de 1987 a 1991 o líder do Derg, Mengistu Hailemariam, dissolve o comité mas continua a governar].

A UNIÃO AFRICANA TEM UM HINO?

Tem uma bandeira e tem um hino, com uma letra igualmente aspiracional sobre a ascensão do continente. Inicialmente as línguas oficiais eram apenas o inglês, o francês, o português e o árabe. Depois, o espanhol tornou-se também língua oficial porque a Guiné Equatorial [antiga colônia espanhola que ainda mantém a língua], apesar de ser um país muito pequeno, por causa da sua importância como produtor de petróleo, tem um peso relativamente grande no interior da organização. E são eles que pagam tudo o que tem a ver com o espanhol—a tradução, a interpretação—porque, no fundo, é só para eles, dado que nenhum outro país da União usa o espanhol.

Entretanto, em 2022, a organização adotou o swahili como língua oficial também, o que faz muito mais sentido porque é uma língua comum a várias populações do continente, e responde também a uma tentativa de ir além das línguas coloniais. Por exemplo, recentemente, num evento da União Africana, a ministra de um país falou em Swahili. E houve um quase burburinho/aplausos na sala quando ela começou a falar em Swahili, porque não tinha acontecido ainda muitas vezes.

O problema é que a União Africana não tem os meios para fazer o trabalho de preparação de tradução e interpretação porque as equipas são muito pequenas. Portanto, no dia-a-dia, o trabalho continua a ser feito em inglês e em francês, ainda nas línguas coloniais mais fortes.

O hino da União Africana tem versões em todas estas línguas. E tem uma particularidade: nas cerimónias da União Africana é, normalmente, quando possível, cantado por um coro, geralmente composto por funcionários. Às vezes interpolam as várias línguas: cantam uma estrofe em inglês e outra em francês. Nunca ouvi cantar em árabe, por exemplo, e em espanhol acho que também nunca ouvi. Obviamente, há versões gravadas também, que são usadas quando não há coro e em eventos online.

Todos os países africanos são membros da União Africana. O único que deixou de ser e agora voltou a fazer parte é Marrocos, por causa da questão do Sahara Ocidental, que também é membro da União Africana.